

# Florbela Espanca – Dantes...

Quando ia passear contigo ao campo,  
Tu ias sempre a rir e a cantar;  
E lembra-me até uma cotovia  
Que um dia se calou pra te escutar,

Enquanto eu apanhava os malmequeres  
Que nos cumprimentavam da estrada,  
Que, depois esfolhavas, impiedoso,  
Na eterna pergunta: muito ou nada?

Tu beijavas as f'ridas carminadas  
Que, em meus dedos, faziam os espinhos  
Das rosas que coravam, vergonhosas,  
Zangadas, de nos ver assim sozinhos.

Fitávamos as nuvens do espaço.  
Que imensas! Que bonitas e que estranhas!  
E ficávamos horas a pensar  
Se seriam castelos ou montanhas...

Que adoráveis canções de mimo e graça  
Os teus lábios proferiam a cantar!  
Tão mimosas, que as relvas da campina  
Ficavam pensativas a sonhar...  
As fontes murmuravam docemente,

Os teus beijos cantavam namorados,  
Cintilavam as pedras do caminho,  
Sorriam as flores pelos valados...

À hora sonhadora do poente  
Tinham maiores palpitações os ninhos.  
Lembras-te? Íamos lavar as mãos,  
Vermelhas das amoras dos caminhos.

Eu brincava a correr atrás de ti;

Uma sombra perseguindo um clarão...  
E no seio da noite, os nossos passos  
Pareciam encher de sol a 'scuridão!

Olhando tanta estrela, tu dizias:  
Olha a chuva de prata que nos cobre!  
Depois, numa expressão amarga e branda  
Recitavas, chorando, António Nobre!...

Eu tinha medo, um medo atroz infundo  
De passear pelos campos a tal hora,  
Mas, olhando os teus olhos cintilantes,  
A noite semelhava uma aurora!

E já passaram esses áureos tempos,  
E já fugiu a nossa mocidade!...  
Mas quando penso nesses dias lindos,  
Que tortura, minh'alma e que saudade!

**Florbela Espanca, Poesia**